



Série carnavalesca - IV

Cinzas

VILÉM FLUSSER

"Dies irae, dies illa, solvet saeculum in favilla". (Dia da ira, dia no qual o mundo cai em cinzas). Mas como? Citar um verso de inspiração medievalmente religiosa, ao querer falar do Carnaval brasileiro? Um verso pavoroso que convém à sombria catedral de Burgos ou ao Castelo gótico de Praga, mas nada tem a ver com a Avenida Presidente Vargas? Perfeitamente. É que tendemos a interpretar erroneamente tanto a Idade Média quanto o Carnaval brasileiro.

A Idade Média ressuscitada, com sua gritaria, seus tambores, suas côres gritantes, seus jograis e seus palhaços, seria perfeito Carnaval carioca. E a delegacia da Polícia em Copacabana na quarta-feira de cinzas, transportada para o século 13, caberia bem na catedral de Burgos. O fato é este: os desolados da delegacia, os que saíram da vertigem e do sol para catrem sóbrios e sombrios em "si", estão muito mais próximos dos penitentes medievais que nós, seus herdeiros aparentes. O verso citado continua: "Quid sum miser nunc facturus" (Que devo fazer agora, coitado de mim?). (Em latim tão duvidoso quanto o é o português das favelas). Eis uma pergunta que está na ponta da língua dos naufragos da tempestade carnavalesca na praia do cotidiano.

O verso, pois, se justifica. Mas apenas em parte. Porque, a despeito das semelhanças, há uma profunda diferença entre o penitente medieval e o folião carioca. Esta: o penitente é pecador, o folião é malandro. Isto é: darão, ambos, resposta à pergunta, mas darão resposta diferente. O penitente responderá: "mortificarei minha carne", e o folião: "darei um feito". Isto porque o modelo de comportamento do penitente é o Cristo, e do folião Exú, (superficialmente cristianizado). Quem visa compreender o Brasil, engajar-se nele, e quiçá ajudar a traçar rumos para o futuro, deve captar bem tal diferença. Todo desenvolvimento é consequência da imitação do Cristo, (historicista). É estranho a Exú, (por cristianizado que esteja).

É certo: o homem pode e deve ser mudado. Engajar-se, no fundo, é isto: procurar mudar o homem. O malandro pode ser transformado em pecador, e o folião em penitente. Mas é bom saber em que dará a mudança. E podemos sabê-lo perfeitamente, já que temos exemplos palpáveis. A modificação de malandro em pecador dá em superestradas com restaurantes automáticos, em clubes de "camping", na semana de trinta horas, e em revistas pornográficas feéricamente ilustradas. E a modificação acaba com o Carnaval, (inclusive, é verdade, com a quarta-feira de cinzas). A escolha é pois esta: quais as cinzas que queremos? (A ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para "Série Carnavalesca").